

Langoni e as previsões

Ao deixar a Presidência do Banco Central, em primeiro de setembro, Carlos Geraldo Langoni, que se recusara a assinar a terceira Carta de Intenções ao Fundo Monetário Internacional, colocava em dúvida a viabilidade de algumas metas.

Segundo Langoni, era preciso "encontrar o equilíbrio entre a credibilidade externa e a viabilidade interna de algumas medidas", para que as metas fossem "factíveis". Langoni defendia, inclusive, a liberdade total de negociação salarial.

Os adendos que o Brasil acaba de adicionar à terceira Carta de Intenções, corrigindo algumas metas previstas em setembro, confirmam previsões de Langoni. Ele não acreditava na hipótese de uma taxa de inflação média de cinco por cento no último trimestre deste ano e considerava improvável uma taxa a acumulada de

inflação de 55 por cento para o próximo ano.

O Fundo Monetário, no entanto, não é tão rigoroso como Langoni julgava. A equipe técnica da Divisão para o Hemisfério Ocidental auxiliou a elaboração da terceira carta e também aprovou tecnicamente todas as propostas e metas. Os adendos agora adicionados também foram acolhidos pela equipe técnica, como mais uma revisão, dentro de uma negociação política.

Segundo banqueiros brasileiros, há hoje muita dificuldade entre técnicos, banqueiros e o próprio FMI para fazer previsões econômicas com segurança, sobre os países do Terceiro Mundo. Eles observam que, se os bancos internacionais fizessem previsões certas, eles não seriam hoje credores do Brasil, assustados de uma dívida de US\$ 100 bilhões.